

Artes e cultura árabes - meus estudos em revistas do Cemoroc 1997-2017

Aida R. Hanania¹

Resumo: Por ocasião desta celebração do 20º. aniversário e do No. 250 das revistas universitárias do Cemoroc, Centro de Estudos Medievais Oriente e Ocidente (Edf-Feusp), alojadas em www.hottopos.com, a Editora pediu a autores um artigo de retrospectiva de suas contribuições em nossas revistas, especialmente nos últimos anos. Neste artigo apresento a “selfie” requisitada.

Palavras Chave: Revistas Cemoroc. Estudos Árabes. Aida Hanania.

Abstract: To celebrate this twentieth anniversary of Cemoroc’s journals, the publisher has asked authors to write an article summarizing his (/her) studies published in these journals, especially in the latest years. In this article, I present my Cemoroc “selfie”.

Keywords: Cemoroc Journals. Arabic studies. Aida Hanania.

Desde o começo, estudos árabes

Vinte anos e duzentos e cinquenta volumes publicados. O Prof. Jean Lauand, nosso editor chefe, neste mesmo número, já se encarregou de um “Memorial geral” sobre esse notável marco na história das revistas do Cemoroc. Tive o privilégio de participar, desde a pré história desse empreendimento, como autora e como editora e, neste artigo, foi me encomendada a tarefa de sintetizar minhas contribuições em alguns de meus artigos nestes vinte anos. Deixo para outro estudo (também nesta edição comemorativa) um olhar para os Estudos Árabes no Cemoroc nesse período (no qual falarei de traduções que fiz e de alguns outros artigos – como a análise da obra do Prof. Helmi Nasr, o fundador do curso de árabe na USP).

Meu primeiro artigo foi publicado no No. 2 de nossa primeira e pioneira revista *Mirandum* (maio-agosto de 1997); nele, em parceria com o Prof. Dr. Mario Sproviero, discuti precisamente “Os estudos orientais no âmbito da universidade” (<http://hottopos.com/mirand2/os.htm>).

No ano seguinte, fundamos a revista *Collatio*, em parceria com o Departamento de Estudios Árabes e Islámicos da Universidad Autónoma de Madrid. Nessa fase da revista, que permaneceu como exclusivamente dedicada a estudos árabes até 2004, colaborei em todos os números: meu primeiro artigo foi no No. 1 (jan 1998), “Literatura e Educação: as *Maqâmât* de Al-Hamadhâni”, sobre esse gênero de conto e seu fundador – http://hottopos.com/collatio/literatura_e_educacao.htm. 1998. Ainda em 1998, participei do No. 2 de *Videtur*.

Também participei já do No. 2 (1999) da Revista Internacional d’Humanitats, atualmente em seu No. 41, e também do No. 2 de *Videtur* (1998) e de todas as outras revistas do Cemoroc.

¹. Professora Titular FFLCHUSP.

A escrita e a imagem na cultura árabe-islâmica

Sobre minhas contribuições como autora, destacarei primeiramente meu tema mais frequente, e no qual mais tenho me aprofundado: o do papel da *escrita* e da *imagem* na cultura árabe-islâmica.

De fato, com as restrições à imagem, a Caligrafia (*al-Khat*) é, por excelência, a “arte árabe”. Meus estudos e artigos sobre esse tema enriqueceram-se sobremaneira pelo privilégio de ter podido conhecer pessoalmente Hassan Massoudy, o maior calígrafo de nosso tempo, assistir a um curso do mestre e entrevistá-lo (*Collatio* No. 5, <http://www.hottopos.com.br/collat5/hassan.htm>).

Recolho aqui algumas das idéias fundamentais de meus diversos artigos sobre o tema (a partir sobretudo de: <http://hottopos.com/mirand15/aida.htm>):

A sacralidade da língua árabe, como meio de propagação da Palavra, dá-se inicialmente na escrita, enquanto a língua oral permite uma manifestação no tempo do Texto Eterno. O próprio Alcorão confere à escrita e à caligrafia (em árabe expressas significativamente pela mesma e única palavra *khat*) a máxima dimensão hierática, sobrelevando o cálam que as produz, como em 96, 3-5: "Recita! Teu Senhor é o Generosíssimo que ensinou o uso do cálam, ensinou ao homem o que ele não sabia".

Por manter viva a Palavra, é o cálam o instrumento de Deus, e como tal, convoca a máxima reverência. Assim se inicia a sura denominada O Cálam (68,1), em que Deus jura pelo cálam: "Pelo cálam e pelo que escrevem!"

A Caligrafia define-se por um dinamismo grafofônico, na medida em que é escrita para ser ouvida no silêncio da fé que leva ao Islam. E é poesia para ser vista, contemplada, pela harmoniosa concepção do signo como unidade estética. Capaz de abarcar pelo conteúdo e pela forma, a mensagem enviada por Deus, encontra, na mesquita, seu lugar natural.

A mesquita - não há altares, não há imagens, mas há letras árabes em toda parte. Esses sinais, curiosamente revoltos e cursivos aparecem pintados e esculpidos nas paredes, tecidos nos tapetes e nos medalhões que pendem do teto. A letra árabe é a razão de ser da mesquita. Por ser uma casa da escrita, é a mesquita uma casa de Deus. A mesquita é uma casa de leitura, porque leitura é prece².



"Não será a bondade a recompensa da bondade?" (Alcorão 55,60). Caligrafia de Hassan Massoudy

² Na inspirada formulação de V. Flusser, em seu artigo "Ex Oriente Lux", citado por Lauand, L. Jean. - "Escrita e Caligrafia Árabes - A arte de H. Massoudy" na *Revista de Estudos Árabes*, Ano I, nº 2, Centro de Estudos Árabes, DLO/FFLCHUSP, 1993, p. 31.

Das artes visuais do Islão, é a Caligrafia a mais nobre. E a de fundamento e concepção mais peculiares. Está longe de ser uma arte em substituição à imagem, esta mal vista por um Islão em que o combate ao politeísmo e ao totemismo é um ponto fulcral de doutrina. A Caligrafia é antes uma arte em que a letra - o signo - se faz imagem. Para além de seu significado hierático adquirido a partir do Islão, as razões de valorização do signo encontram-se na mais longínqua Arábia pré-islâmica.

Impõe-se aqui, o percurso que leva de volta à realidade primeira do homem árabe, ao nomadismo, ao âmago da Península que proporciona a intimidade com o deserto. Deserto que parece ser o manancial do questionamento e da resposta; da angústia; do sofrimento; da coragem, mas também da beleza; sobretudo por ser o mentor do encontro do homem consigo mesmo, sem outra mediação, a não ser a do silêncio que, eloqüentemente, o povoa.

Nesse mundo de ausência, de vital impacto com seu ser mais íntimo, a gente do deserto previne-se contra tudo o que, de certa maneira, se liga ao mundo do visível, preferindo a visão interior à representação clara e manifesta.

Com efeito, num mundo habitado por miragens, a imagem ganha contorno de mentira, de fantasia; não tem significado real. É o deserto, o mundo do invisível; e, principalmente, um mundo sônico.

Os meios de expressão artística, já na primitiva realidade árabe, são, compreensivelmente, a música e a poesia: duas vertentes essenciais que procedem do espírito e a ele retornam, suprimindo a necessidade de beleza e de ligação com o mundo de que todo homem não prescinde; o errante em particular.

A palavra avulta em importância por materializar a poesia que se mistura ao canto e com ele freqüentemente se identifica.

Ligado muito mais ao tempo que ao espaço, o homem do deserto aproxima-se da realidade por meio de signos abstratos que se traduzem, desde sempre, na forma de dizer, de escrever e de entoar...

O agudo senso rítmico, típico do nômade - que se manifesta na marcha, na dança, na música - encontra sua expressão mais justa na prosódia árabe, chegando à retórica e à poesia, através de uma expansão de pensamento que adquire precisão por meio de paralelismos e inversões de raciocínio estritamente interligados.

Não raro, as comparações e imagens de que se vale o Alcorão para fixar preceitos, correspondem a esses elementos familiares ao povo árabe.

Tomemos, para exemplo, a Sura 24, versículo 39, em que os empreendimentos dos infiéis são comparados à miragem (kassaráb):

"As obras dos infiéis são como miragem no deserto: o muito sedento pensa que é água, até que lá chegando, não encontra nada".

Por outro lado, "que é, de início, o próprio Alcorão - indaga Massoudy - senão uma música, um discurso cadenciado, destinado a ser aprendido de cor, quer dizer, conforme o ritmo do coração que bate, o ritmo dos passos do caminhante ou de sua montaria?..."³.

³. Hassan Massoudy, *Le Chemin d'un Calligraphe*, Paris, Phébus, 1991, p. 10. Note-se que o artista, no original francês joga com o duplo sentido de *coeur* em *par coeur* e *coeur qui bat* (acumulação semântica que se dá também no nosso *de cor*, embora para nós menos evidente). O artista imprime assim como que um ritmo a sua própria expressão.



"Revista de Estudos Árabes" - Caligrafia de Hassan Massoudy para a capa da *Revista de Estudos Árabes* do DLO-FFLCH-USP.

Concluo este tópico, com considerações de um artigo mais recente: "A arte árabe e a teologia islâmica" (2016 <http://hottopos.com/rih36/75-78Aida.pdf>).

Se o figurativismo associava-se, de certa forma, à degradação da arte, a arte da Caligrafia estava associada à elevação, à ascese. Ligada à palavra divina, pôs-se à serviço da fé e da beleza. Tornou-se símbolo religioso.

Pertinente, aqui, a palavra de Jamil Almansur Haddad: "O Alcorão pôde dizer que Deus ama a inteligência e ama a Beleza, e, segundo Schuon, o mundo é cheio de sinais, de *ayat*, que são símbolos elementares de música congelada"⁴. E, retomando o calígrafo Massoudy: "Nos edifícios religiosos, a caligrafia se desenvolve como uma obra musical. Ela é espantosa. Só um olhar mais aplicado permite tomar consciência do ritmo e da cadência, elementos essenciais"⁵.



Madrasa em Registan, Samarcanda

Ainda Jamil, sobre ritmo e cadência obtidos pela repetição das letras, das palavras, das frases... Repetição que é marca profunda do Oriente:

"A repetição que é a música, a repetição que é o arabesco, as frases que se repetem infinitamente. Em plano religioso e em plano místico, o *dhikr*: a repetição ininterrupta, pelos tempos infinitos, do nome de Allah, em que o crente se anestesia apenas com a repetição do nome de Deus, que leva ao êxtase, o que, em definição rápida, é o contato direto, imediato com Deus, dispensando intermediários"⁶.

⁴ *O que é Islamismo*, São Paulo, Brasiliense, 1981, p. 44.

⁵ "Escrita e Caligrafia Árabes: A arte de Hassan Massoudy" *Revista de Estudos Árabes*, Ano I, No. 2, 1993, p. 27

⁶ "Interpretações das *Mil e Uma Noites*" *Revista de Estudos Árabes*, Ano I, No. 2, 1993, p.58.

Estudos sobre teatro

No contexto acima estabelecido, fica claro que o teatro, por natureza representativo, não seja arte de maior importância no mundo árabe-islâmico. Dediquei alguns estudos a dois espaços fronteiriços, nos quais essa arte cênica ocorre: o “teatro” xiita no drama de Karbala e, no Líbano cristão, a obra do dramaturgo Georges Schehadé (1905-1989).

Schehadé é um autor de confluências: a tradição árabe e a francofonia; o entrelaçamento de valores mediterrâneo-ocidentais e orientais árabes. (cf. em *Collatio* N. 3 e 6 resp.: “Presença do Oriente no Teatro de Georges Schehadé” http://hottopos.com/collat3/presenca_do_oriente_no_teatro.htm e “Sonho e Realidade no Teatro de Georges Schehadé”, <http://hottopos.com/collat6/aida.htm>).

Em artigo mais recente, “Le théâtre de Schehadé” voltei a considerar a obra do dramaturgo libanês (<http://hottopos.com/convenit21/05-14Aida.pdf>).

Também em *Collatio* (N. 10 <http://hottopos.com/collat10/4758AidaAshura.pdf>) publiquei – em parceria com Jean Lauand – tradução parcial e estudo introdutório ao Drama de Karbala.

Como se sabe, o dia da Ashura, dia 10 do mês de *Muharram* no calendário muçulmano, é comemorado pelos xiitas como dia de luto pelo martírio de Hussain Ibn ‘Ali, neto do Profeta, na Batalha de Karbala, ocorrida no dia 10 de *Muharram* do ano 61 AH (10 de outubro de 680). Em países de predominância xiita, como o Irã, a comemoração de Hussain dá-se em feriado nacional: “dia da Ashura”, recordando pois, o sofrimento do terceiro Imam xiita, com sua família e amigos em Karbala. Todos os anos, em todo o Irã, companhias de teatro, amadoras e profissionais, reencenam o *Drama de Karbala*, *ta'ziya* dos trágicos acontecimentos ocorridos.

Se o teatro árabe atual tem suas raízes fundamentalmente no teatro europeu que adentrou o Oriente Médio como parte da influência ocidental, em meados do século passado, por outro lado, há um tipo de teatro, a *Ta'ziya* que é muito tradicional e cultivado em certos setores muçulmanos. *Ta'ziya*, literalmente “consolação”, é a transposição persa⁷ dos *Mistérios* medievais do Ocidente, embora deles se diferencie no espírito e na forma (é antes um remanescente de antigas práticas religiosas persas).

A peça ritual iraniana relembra, sobretudo, o massacre de Hussain e os infortúnios de outros membros da família de 'Ali. Naturalmente, a leitura dessa *Ta'ziya* dá apenas uma pálida idéia da enorme comoção que tal peça exerce sobre a multidão de fiéis xiitas, seguidores de 'Ali, pai de Hussain, o mártir de *O drama de Karbala*.

As notícias repetem-se todos os anos. Apresentávamos, no artigo, exemplos de 2011:

Irã em transe

Festival de Ashura transforma país em gigantesco centro de devoção e é a essência da cultura xiita - Samy Adghirni de Teerã

O Irã parou ontem para homenagear o santo mais importante do xiismo, cuja morte por inimigos no ano 680 molda até hoje a identidade religiosa e cultural da maioria dos iranianos.

O feriado anual de Ashura, que se encerra hoje, transformou Teerã num imenso centro de devoção ao mártir imã Hussein Ibn Ali, neto do profeta Maomé. Cerca de 90% dos iranianos são xiitas.

7. Não é de estranhar, portanto, que, ainda hoje, o Iran seja o lugar natural da *Ta'ziya*, além do mais, por ser também o mais acirrado reduto xiita.

Por toda a cidade foram colocadas bandeiras e faixas pretas em sinal de luto. As principais ruas foram tomadas por procissões de homens que simulam autoflagelo batendo nas próprias costas com correias de metal. (...) O espírito de Hussein também é tido como uma força mística capaz de operar milagres. Em dias de Ashura, pais levam os filhos em cadeiras de rodas para receber bênçãos nas mesquitas e fazem promessas -atos impensáveis para os sunitas, ramo majoritário do islã. Muita gente se aglomera em frente a casas ou lojas onde comida é distribuída gratuitamente por acreditar que alimentos abençoados pela Ashura deixam o organismo imune contra doenças. (Folha de S. Paulo, 6-12-11)



re-encenação da batalha de Karbala em Sadr, Iraque, 2011

Hussain, para os xiitas, ocupa lugar extremamente importante. A doutrina xiita, fundada na interpretação alegórica do Alcorão, prescreve muito poucas crenças, centradas na idéia de que todos os homens são pecadores e, portanto, destinados ao inferno. Podem, porém, ser resgatados, não por esforços próprios, mas por meio de um redentor. Ora, Hussain, filho de 'Ali, é esse redentor⁸.

O enredo da peça é pura emoção, dramalhão bem ao gosto das massas, potenciado ao extremo pela repetição e insistência - sob diversos ângulos - de um massacre cruel e injusto do grande líder religioso.

Enquanto teatro, a ação está longe de vivenciar os momentos presentes classicamente numa tragédia, que incluem a exposição, desenvolvimento e clímax de um conflito (propulsionados por oposição de vontades).

A ação de *O drama de Karbala*, pelo contrário, restringe-se ao monótono relato linear, resignado e lamuriento, das desventuras da família do Profeta, tendo como momento paroxístico a decapitação de Hussain.

Impressiona a extrema sinceridade dos atores e a credulidade das massas e compreender-se-á que as cenas mais irreais sejam, para eles, convincentes. Tenha-se em conta que essa encenação teatral é apenas um dos elementos das celebrações da Ashura. Ela vem acompanhada de pregações e rituais religiosos que também ocorrem num *crescendo* ao longo de dez dias, culminando esses eventos com a representação da paixão do Imam Hussain. Daí o incrível impacto emocional que *O drama de Karbala* exerce sobre a multidão; a comoção chega a extremos como .”o de os próprios atores, desfeitos pela dor, se suicidarem⁹.

8. Hussain sofreu as perseguições devido, sobretudo, ao fato de ter se casado com a filha de Yezdeguerd III, o último sassânida, tornando-se, assim, herdeiro do Rei dos reis e símbolo do nacionalismo persa.

9. LANDAU, Jacob M. *Études sur le théâtre et le cinéma arabes*, Paris, Maisonneuve, 1965, p. 19.



Outros estudos

Já no No. 2 da revista *Videtur*, procurei indicar os “Fundamentos Culturais da Multifária Cultura Libanesa” (<http://hottopos.com/videtur2/aida.htm>), e em *Revista Internacional d’Humanitats* No. 28, situamos – tal como fizemos com Schehadé – as raízes libanesas e religiosas da obra de Gibran Khalil Gibran (<http://hottopos.com/rih28/81-88Aida.pdf>).

Falar de Gibran Khalil Gibran é adentrar um universo privilegiado, onde se encontram, em íntima convivência, o lirismo do escritor, a genialidade do pensador e a sensibilidade do pintor... É evocar o Líbano, país pequeno em extensão, mas grandioso por sua história, imensurável por sua importância, graças às circunstâncias geográficas que o situam como ponto de encontro entre Oriente e Ocidente.

A consciência do mecanismo profundo de influências e intercâmbios culturais, ocorridos desde milênios em terras libanesas, motivou a Georges Schehadé uma imagem de rara veracidade poética: “O escritor libanês é uma espécie de novelo, ligado a todos os tecelões da terra”.

Gibran, que estudou em colégio de padres, sofreu grande influência dos ensinamentos religiosos, o que não o impediu de se manifestar contra o clero, pois, segundo ele, os padres “nem sempre, viviam o que pregavam”. Reconhecia, porém, que seu avô era um homem de bem e o admirava “porque possuía todas as qualidades de um cavalheiro e homem honrado, e não por ter barba comprida e vestir batina escura”.

Ao recordar o significado de “poeta” em língua árabe, entendemos, de imediato, porque Gibran foi alçado à condição de guia espiritual, condutor de almas em direção ao autêntico humanismo a que todos devemos aspirar: o poeta é o *sha’ir*, isto é, “aquele que sente”; por isso, o papel proeminente do poeta dentro da cultura árabe é a capacidade de sentir e de manifestar sua verdade na transferência de seus sentimentos à humanidade. Nesse sentido, cabe chamá-lo “poeta dos poetas”.

Com suas raízes fincadas no Oriente, Gibran não concebe a Arte como um ato gratuito. Ao contrário, considera-a irremediavelmente ligada à noção de finalidade.

Desse modo, constrói sua obra em torno de sua vivência, exercendo sua sensibilidade, sua religiosidade e sua reflexão, impulsionado por seu amor à Humanidade, a serviço do aprimoramento de seu semelhante.

Em seus escritos, principalmente nos primeiros, é nítida sua revolta quanto ao clero que compactua com o regime feudal de seu país, subjugando o povo, sobretudo o

trabalhador mais simples. Repudia a injustiça social, certos hábitos e comportamentos ditados pela Tradição, tais como, o casamento ‘arranjado’, a ‘norma’ e a ‘regra’ que tolhem a autenticidade dos sentimentos mais puros, pois “falsas são as doutrinas que causam infelicidade ao homem”.

Refugiados. Em Notandum 30 (<http://hottopos.com/convenit21/05-14Aida.pdf>), procurei recolher minha experiência (em 2007) no trabalho voluntário no Brasil com refugiados palestinos, uma questão que, infelizmente, vem ganhando crescente atualidade. A interação de duas culturas, em situação extrema, possibilitou-me uma melhor compreensão tanto da Palestina, quanto do Brasil...

Ao final deste percurso, quero deixar meu agradecimento à Editora e aos leitores por essa comunhão de tantos anos...

Recebido para publicação em 17-06-16; aceito em 15-08-16